

# O corpo inserido em diversas lógicas culturais: uma poética da sexualidade

*The inserted body in a diversity of cultural logics:  
a poetics of sexuality*

**Danielle Perin Rocha Pitta**

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da  
Universidade Federal de Pernambuco  
dprp@terra.com.br*



## Resumo

O corpo culturalmente construído e a sexualidade matizada, em termos acadêmicos pelos estudos sobre gênero, são vistos em geral através da ótica binária que reduz esta última a duas categorias: feminino e masculino. Este tipo de lógica excludente causa dramas freqüentes no que diz respeito à vivência da sexualidade individual. Na vida cotidiana, entretanto, fora da academia, há quem considere a existência de dezessete categorias sexuais. Parece, então, que a questão poderia ser abordada através das teorias contemporâneas, baseadas na lógica do terceiro incluído, nas quais não se centra mais a atenção em categorias, mas na dinâmica que subentende a vivência. A proposta é pois – seguindo os passos de Bachelard, com a fenomenologia poética, Gilbert Durand, com o trajeto antropológico e Michel Maffesoli, com sua visão da pós-modernidade – estudar a sexualidade e o gênero através da noção de trajeto antropológico, delineando o “trajeto sexual”: vetor polarizado no qual a vivência da sexualidade, ao longo da vida, pode deslizar dinamicamente entre os dois pólos.

Palavras-chave: Imaginário. Corpo. Sexualidade. Gênero. Trajeto antropológico. Trajeto sexual.

## Abstract

The body culturally constructed and the sexuality shaded in academic terms by the studies about gender, are seen in general through the binary optics that reduces it in two categories: feminine and masculine. This kind of logic, excluded logic, causes frequent dramas in the individual sexuality. In the daily life however, outside the academy, there are some people who consider the existence of seventeen sexual categories. Then, it seems that the question could be approached through contemporary's theories based on the logic of the third included one, whose attention is not centred in categories, but in the dynamics that presumes the experience. The proposition is therefore – according to Bachelard's theory about the poetical phenomenology, Gilbert Durand with the anthropological route and M. Maffesoli with his vision of pos-modernity – to study sexuality, gender, through the notion of anthropological trajectory, delineating the “sexual course”: polarized vector in which the experience of the sexuality, throughout the life, can slide dynamically between the two poles.

Keywords: Imaginary. Body. Sexuality. Gender. Anthropological trajectory. Sexual course.

Enquanto todas as iniciações sociais africanas (tais como as estudaram Griaule, D. Zahan e outros) têm, como objetivo primordial, a separação dos sexos, suprimindo a feminilidade do prepúcio através da circuncisão, e a masculinidade do clitóris pela sua excisão, de modo a integrar o noviço na ordem social, a iniciação religiosa – em África, mas sobretudo entre as populações de escravos deportados que perderam o contato com a linhagem e o estatuto social –, é indiferentemente dada para homens e mulheres.

G. Durand (1997)

Estudos sobre o corpo têm se multiplicado na literatura antropológica, enfocando progressivamente menos a esfera do natural e mais a do cultural, enquanto trabalhos sobre a sexualidade foram complementados pelo conceito de gênero, tendo em vista as próprias características da pós-modernidade. Novas teorias antropológicas, novos paradigmas vêm assim trazer uma nova visão dessas duas dimensões.

A mudança de paradigmas que caracteriza a pós-modernidade, principalmente na ótica de Michel Maffesoli,<sup>1</sup> implica, ou reflete, vivências do cotidiano distintas daquelas que caracterizaram a modernidade. Com a crescente valorização do imaginário como meio de conhecimento proposta por Bachelard, as abordagens teóricas dos “objetos” de estudo têm se diversificado e se distanciado da lógica binária ocidental.

Na perspectiva clássica binária, conforme diz Sousa Filho (2008, p.1),

uma longa história de colonização pelo preconceito, praticada sobre o imaginário de diversas sociedades, representando a homossexualidade como uma *exceção* ou como um *desvio* ou *inversão* no quadro de uma pretendida normalidade heterossexual, levou a que se buscasse a *causa específica* que produziria a homossexualidade – e não importando se esta tenha sido pensada, variando as épocas, como vício, pecado, crime, doença, perversão ou como um desvio no desenvolvimento sexual.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. livros do autor nas referências que o tema é desenvolvido mais aprofundadamente.

<sup>2</sup> Cf. outros trabalhos do autor nas referências.

Em reação a tal tipo de abordagem de sexualidade, a pós-modernidade tem induzido novos estudos nesse campo, questionando categorias estabelecidas na modernidade, como por exemplo na Teoria Queer, segundo a qual

o grande desafio não consiste, apenas, em assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e escaparam dos esquemas binários; mas também em admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. Uma nova dinâmica dos movimentos (e das teorias) sexuais e de gênero está em ação. É dentro desse quadro que a Teoria Queer precisa ser compreendida. Admitindo que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, teóricos/as Queer sugerem uma teoria e uma política pós-identitárias (LOURO, 2001, p. 2).

O olhar da antropologia sobre a sexualidade vem dos seus primeiros passos. O etnólogo Marcel Mauss (1978) considera que é a cultura que modela o corpo, os gestos, os hábitos. Consideração que permite a Alcântara (2001, p. 1) dizer:

Assim, parafraseando Marcel Mauss, o corpo, instrumento inato da espécie *Homo sapiens*, é transformado em corpo-representação, ou seja, um artefato cultural para se contrapor à fronteira que delimita aquilo que toda cultura chama de *selvagem*, promovendo assim a separação entre *natureza e cultura*, construto filosófico que nos ajuda a esquecer que somos parte da espécie animal *Homo sapiens*.

Em literatura, Perec (1967), por sua vez, se debruçou sobre os aspectos do corpo relativos à leitura, como a voz, os gestos das mãos etc., em suas dimensões culturais.

Ora, considerando que o aprendizado, tanto institucionalizado como familiar, tem por objetivo fazer com que o indivíduo se situe em um campo significativo específico, é pertinente ver quais são as relações corpo/cosmos estabelecidas por culturas diversas. O corpo é, antes de tudo, um corpo imaginário: da parte mais sólida e interior, os ossos, à parte mais fluida e exterior, os cabelos, tudo no corpo se desenvolve a partir da imagem que uma cultura dele se faz. Falanges de pés atrofiados; crânios deformados de várias maneiras; deformações da coluna vertebral; dentes serrados; mutilações; escarificações; circuncisões; excisões; deformações de lábios, orelhas, pescoços; tatuagens; pinturas; penteados; roupas... inúmeras são as maneiras pelas quais cada cultura fabrica um corpo próprio. Impossível, entretanto, ter acesso ao significado

desse corpo sem ter conhecimento da cultura em que ele está inserido. As variações culturais são evidentes, também, em relação aos significados atribuídos a cada parte do corpo: cada uma é valorizada positiva ou negativamente, mais ou menos (des)valorizada, sempre segundo a dinâmica subjacente à cultura, orientada pela dinâmica dos mitos (ROCHA PITTA, 2005).

Esse corpo, que pouco tem de natural, tanto na sua aparência (gestos, andar, olhar, sexo etc., que levam à transformação da matéria) quanto nas suas funções ou nas suas expressões, pode ser apreendido nas diversas produções de uma cultura: descrição direta (atitudes do cotidiano, representações em teatro, dança, folclore etc.), fotografia, cinema e seus derivados, relatos míticos, literatura, artes plásticas... enfim, não são as imagens que faltam, nem a diversidade destas. Talvez mais importante do que tanta diversidade de aparência, seja o fato de o corpo ser o suporte do gesto. Este será, pois, o meu ponto de partida, a base da análise.

Gilbert Durand, discípulo de Bachelard, constrói uma teoria que, em contraposição às propostas positivista, funcionalista e evolucionista, estabelece, mediante uma abordagem fenomenológica, a revalorização do imaginário na sua dimensão de função psíquica e a reintrodução, nas ciências, da dimensão afetiva do homem. Nessa perspectiva, toda construção do saber é consequência da interação entre observado e observador.

Em seu livro básico, *As estruturas antropológicas do imaginário*, Gilbert Durand propõe um estruturalismo figurativo, ou seja, um estruturalismo no qual a estrutura é uma “forma transformável” e, em consequência, um vetor dinâmico transformador que organiza as imagens. A maneira como essas imagens vão ser organizadas, o dinamismo próprio em ação, é que vai determinar o “trajeto antropológico”, isto é, “o incessante intercâmbio existente, no nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. O imaginário, assim, seria “este trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual reciprocamente [...] as representações subjetivas se explicam 'pelas acomodações anteriores do sujeito' ao meio objetivo” (DURAND, 1969, p. 38). Nesse sentido, o autor relaciona os gestos fundamentais do corpo com a formação e organização das imagens. Baseado em várias pesquisas em diferentes campos de conhecimento – Delmas, Boll, Piéron, Piaget – e na reflexologia de Betcherev, Durand (1969, p. 51) coloca que “existe uma estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas”.

É a maneira como se dá essa interação entre sensibilidade e meio ambiente (geográfico e social) que caracteriza – faz a especificidade – de uma cultura. Existem culturas nas quais é possível “fechar o corpo”, outras em que é possível reduzir as funções físicas a quase nada, outras ainda em que o corpo é matéria eivada de pecados, outras nas quais o corpo, pela dança, desafia a morte...

De que maneira ocorre essa diferenciação? Segundo Durand, diante da questão fundamental que se coloca para o ser humano, que é a da sua condição de ser mortal, existem três maneiras fundamentais de responder: tomando as armas e enfrentando o inimigo, construindo uma harmonia que não permita a aproximação da morte ou ainda considerando a ciclicidade do tempo transformando-o em renovação no lugar de morte. Essas três atitudes fundamentais correspondem às estruturas do imaginário: respectivamente, a estrutura heróica, a mística e a sintética (ou disseminatória). Porém, na medida em que o autor define a estrutura como “forma estruturante”, logo, dinâmica, cada uma se caracteriza como pólo organizador do pensamento. Na verdade, existiriam dois pólos (que integram as três estruturas) de atração entre os quais se posicionam as culturas. Não se trata, então, para compreender uma cultura, de classificá-la, mas de perceber seu dinamismo subjacente: é situado nesse dinamismo que o simbolismo do corpo tem significado.

O *trajeto antropológico* é formado por *schemes* (uma generalização dinâmica e afetiva da imagem), arquétipos e símbolos em constante interação. Ao estabelecer a junção entre os reflexos e as representações, é o *scheme* que vai se encontrar na base da expressão corporal. Nessa perspectiva, cada cultura se encontra atraída mais por um pólo do que por outro, o que significa que certos gestos serão por ela privilegiados de acordo com essa dinâmica. Por exemplo, a cultura atual na Europa, tendendo para o polo heroico, vai privilegiar uma imagem de corpo masculino de guerreiro jovem, sadio e ativo senão combativo; já outra cultura, como aquela vigente em parte do Nordeste do Brasil, polarizada pela estrutura mística, vai valorizar o corpo feminino positivo em sua sexualidade e fertilidade. É da tensão entre os pólos que nasce a dinâmica social, diz Durand. A total polarização de uma estrutura seria patológica.

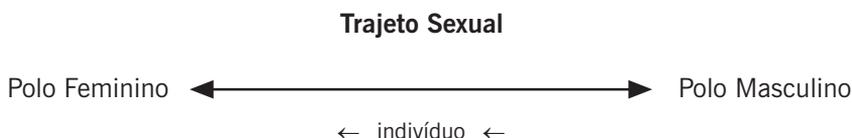
### Trajeto Antropológico



Quanto ao corpo, tomaremos um caso específico: no Brasil, existem, no campo da educação, componentes africanos, ocidentais e indígenas, entre outros, direcionando a construção do corpo, fazendo com que este adquira aspectos originais (ver a vasta literatura sobre identidade brasileira). Aqui, é a partir de noções vindas de culturas distintas, com suas mitologias próprias, mas em permanente diálogo, que se constrói o trajeto antropológico no qual o corpo toma forma.

No que diz respeito ao comportamento sexual desse corpo, vão entrar em ação as lógicas presentes nas diferentes visões de mundo que compõem, no caso aqui referendado, o cotidiano nordestino, podendo passar, de duas a dezessete categorias (segundo opinião de pessoas do cotidiano),<sup>3</sup> enquanto na lógica ocidental, a sexualidade é reduzida a duas categorias, feminino e masculino, que são excludentes. Já aqui, podem ser encontradas essas 17 categorias. Ora, a proposta que aqui fazemos, para a compreensão dessa sexualidade, em adequação com a teoria acima exposta e com as práticas do cotidiano, é considerar a existência não mais de categorias, mas de polarizações (DURAND, 1980), criando uma dinâmica específica sempre em atividade. A sexualidade se atualiza então entre os dois polos, feminino e masculino.

A proposta metodológica decorre da fenomenologia poética de Gaston Bachelard. Nessa perspectiva, teremos o feminino e o masculino como pólos atrativos de um vetor, no mesmo modelo do trajeto antropológico. Aqui é da tensão entre os polos feminino e masculino que nasce e se desenvolve a dinâmica sexual:



Cada indivíduo, com sua bagagem cultural específica, poderá, então, a partir não mais de uma lógica de exclusão, mas sim de uma lógica de inclusão, se posicionar nesse eixo. Além do mais, sendo a vida uma dinâmica, tal posicionamento não precisa ser fixo. Segundo as circunstâncias de vida

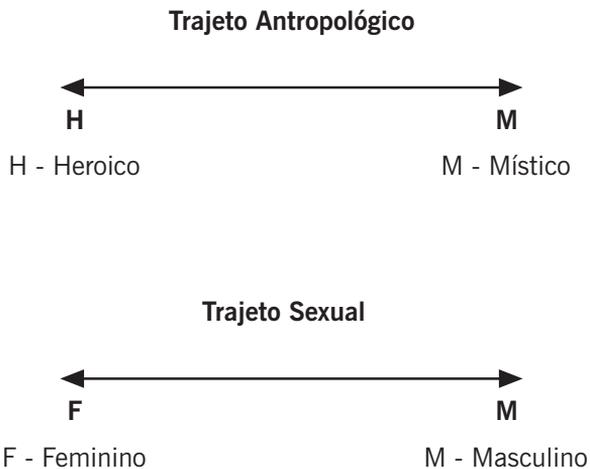
---

<sup>3</sup> Dado fornecido em entrevista com um grupo de lésbicas no Recife em 2004. Não vem ao caso descrever aqui essas categorias, pois seria tarefa para outro artigo.

individuais, ele pode se deslocar, atraído momentaneamente mais para um ou outro pólo. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser vivida de forma feliz, oscilando no eixo entre dois polos, sem que haja exclusões possíveis.

Propõe-se, pois, aqui uma visão do corpo e da sexualidade correspondente à cultura pós-moderna<sup>4</sup> (cibercultura, ciberespaço, cibercidadania, ciber saúde...). Em relação a essa nova realidade não cabem mais categorias. Dinâmica, virtualidade, interculturalidade são as novas dimensões da vida cotidiana.

Paralelismos:



---

<sup>4</sup> Cf. os trabalhos do *Groupe de Recherche sur l'Anthropologie du Corps et ses enjeux* (CEAQ – Paris 5) criado em 1987 com a iniciativa de A. Bião e posteriormente dirigido por J. Griffet. Cf. também o site <http://incubadora.fapesp.br/sites/opuscorpus/>.

## Referências

ALCANTARA, Maria de Lourdes Beldi de. O corpo brasileiro: estudos de estética e beleza. *Revista de Antropologia*. v.44, n.2, São Paulo, 2001.

BACHELARD, G. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

DURAND, G. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Introduction à une archétypologie générale*. Paris: Bordas, 1969.

\_\_\_\_\_. *L'âme tigrée*. Paris: Denoël-Gonthier, 1980.

\_\_\_\_\_. *Imagens e reflexos do imaginário português*. Lisboa: Hugin, 1997.

Fazendo Gênero. 2002. Disponível em:

<<http://www.cfh.ufsc.br/fazendogenero/grupos/grupos45.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

LOYOLA, M. Andréa (Org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. A antropologia da sexualidade no Brasil. *Physis: revista de saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. *La Sexualité et sa Répression dans les Sociétés Primitives*. Paris: Payot, 1980.

MEAD, Margareth. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MAUSS, M. Les techniques du corps. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1978.

MAFFESOLI, M. *La conquête du présent, sociologie de la vie quotidienne*. Paris: Desclée de Brouwer, 1979.

\_\_\_\_\_. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio: Graal, 1985.

PEREC, G. Un homme qui dort. Paris: Denoël, *Les Lettres Nouvelles*, 1967.

ROCHA PITTA, D. P. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

SOUSA FILHO, Alípio. Homossexualidade e preconceito: crítica de uma fraude nos campos científico e moral. *Revista da Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB*, Recife, Bocas no Mundo, Ano I, jun., 2003.

\_\_\_\_\_. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. [http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index\\_arquivos/](http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/). Acesso em: 20 dez. 2008.

